

VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU

Leão XIV no

Uruguai

Todos os discursos, homilias e palavras do Santo Padre

agostinianoscomopapa.com

EDIÇÃO DIGITAL · PORTUGUÊS
6–8 NOV 2026

VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU

Leão XIV no Uruguai

Todos os discursos, homilias e palavras do Santo Padre

6–8 NOV 2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Os textos de Leão XIV reproduzem a versão oficial em português publicada pela Santa Sé em vatican.va.

A introdução, os títulos dos capítulos e as chaves agostinianas são da autoria da Redação de AgustinosConElPapa.com.

Copyright © Dicastério para a Comunicação

vatican.va · agustinosconelpapa.com/pt

Índice

- **Introdução** 4
  Uma peregrinação que começa no Uruguai
- **A viagem num relance** 9
  6–8 nov 2026

01 **Rumo a Montevidéu** 11
Sex 6 · Saudação

02 **Um povo em marcha** 16
Sex 6 · Discurso

03 **Onde está o nosso coração?** 39
Sex 6 · Homilia

04 **Pontes, palmeirais e mate** 54
Sáb 7 · Homilia

05 **«Vai e faz tu também o mesmo»** 69
Sáb 7 · Saudação e discurso

06 **Um passeio pelos cinco sentidos** 80
Sáb 7 · Discurso

07 **Anuncio-vos uma grande alegria!** 97
Sáb 7 · Discurso

08 **A fé aprende-se em casa** 114
Dom 8 · Homilia

INTRODUÇÃO

Uma peregrinação que começa no Uruguai

Há viagens que se medem em quilómetros e outras que só se medem em encontros. A que Leão XIV iniciou a 6 de novembro de 2026 é das duas: doze dias, três países — Uruguai, Argentina e Peru — e 31.003 quilómetros de deslocações aéreas, segundo o Gabinete de Imprensa da Santa Sé.

Tudo começou no ar. Durante o voo de quase 11.000 quilómetros entre Roma e Montevidéu, o Papa enviou mensagens de oração e de bênção a França, Argélia, Mauritânia, Senegal e Brasil. Aterrou na

capital uruguaia às 16h19, hora local, e já a bordo confessara aos jornalistas que, desde o primeiro dia, não tivera dúvidas de que esta viagem iria acontecer.

Este livro reúne tudo o que o Santo Padre disse no Uruguai entre 6 e 8 de novembro: oito textos, desde a saudação aos jornalistas no avião até ao agradecimento final em Florida, diante da Virgem dos Trinta e Três. Estão aqui os discursos e as homilias, e também as palavras improvisadas: as que não estavam no papel.

Para a Família Agostiniana, esta viagem tem um sabor especial. Quem fala é o primeiro Papa da Ordem de Santo Agostinho, cujo lema, *In Illo uno unum*, nos recorda que, no único Cristo, somos um.

In Illo uno unum

NO ÚNICO CRISTO, SOMOS UM.

E nota-se. Nas Vésperas de Montevidéu, diante dos consagrados, o Papa lembrou que o coração humano acaba por se assemelhar àquilo que ama e deixou uma das chaves da evangelização:

> **“Queridos irmãos e irmãs, eis um dos segredos da evangelização: assemelhar-nos Àquele que anunciamos.**

Na Universidade Católica citou expressamente Santo Agostinho:

«O mundo encheu-se de boa fama, pois o bom odor é a boa fama», recorda-nos Santo Agostinho (Comentário ao Evangelho de São João, L, 7).

E em Florida, diante da Virgem dos Trinta e Três, evocou Santa Mónica, a mãe que rezou durante anos por um filho que parecia cada vez mais afastado de Deus.

Também a pequena comunidade agostiniana do Uruguai viveu a viagem de perto: cinco religiosos — quatro brasileiros e um espanhol — que servem na paróquia e no colégio Santa Rita, em Punta Gorda, numa presença pequena, mas com uma história que remonta a 1932. O Papa sorriu-lhes nas Vésperas e dedicou-lhes 25 minutos de conversa fraterna na Nunciatura, onde lhes ofereceu um terço.

Que estas páginas o acompanhem a qualquer hora e em qualquer lugar, e nos ajudem a viver o que a viagem do Papa propõe: unidos num só coração e numa só alma, voltados para Deus.

A REDAÇÃO DE AGUSTINOSCONELPAPA.COM

VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU

A viagem num relance

SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO

01 **Rumo a Montevidéu**
Voo Roma–Montevidéu

02 **Um povo em marcha**
Praça da Independência · Montevidéu

03 **Onde está o nosso coração?**
Catedral Metropolitana · Montevidéu

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO

04 **Pontes, palmeirais e mate**
Paysandú

05 **«Vai e faz tu também o mesmo»**
Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe · Montevidéu

06 **Um passeio pelos cinco sentidos**
Universidade Católica do Uruguai · Montevidéu

07 **Anuncio-vos uma grande alegria!**
Estádio Centenário · Montevidéu

DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO

08 **A fé aprende-se em casa**
Juanicó e Florida

01

VOO ROMA–MONTEVIDÉU

SAUDAÇÃO

Rumo a Montevidéu

Saudação aos jornalistas durante o voo

SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO

> **Confesso que, desde o primeiro dia, não tive dúvidas e estava convencido de que esta viagem iria acontecer.**

Bom dia, Vossa Santidade! Seja bem-vindo a bordo. Nesta viagem tão aguardada, acompanham-no cerca de oitenta jornalistas, dez dos quais provenientes dos países que iremos visitar. Há um certo entusiasmo por parte dos jornalistas que viajam consigo: um misto de entusiasmo e alguma apreensão, devido à intensidade da viagem. Bem-vindo! Dado que estamos em ótima companhia esta manhã, talvez queira dizer-nos algumas palavras.

PAPA LEÃO XIV:

Bom dia a todos, *buenos días*, *good morning everyone*!

Em primeiro lugar, gostaria de dar as boas-vindas a todos vós e, mais uma vez, expressar a minha gratidão pelo vosso serviço, pelo trabalho que fazeis, tão importante para nos ajudar a divulgar a

mensagem e, sobretudo, a mensagem de Deus de paz e benevolência para todas as pessoas.

Estou muito feliz por estar aqui. Sei que alguns tinham dúvidas sobre a realização desta viagem. Confesso que, desde o primeiro dia, não tive dúvidas e estava convencido de que esta viagem iria acontecer. E estou muito feliz por poder dizer “louvado seja Deus” e por agradecer aos maravilhosos assistentes médicos que aqui estão hoje. Penso estar em boa forma.

Vós, portanto, sois testemunhas disso e estou feliz que estejais conosco. Gostaria também de aproveitar a oportunidade para apresentar uma pessoa que muitos de vós já conheceis: a nova Prefeita do Dicastério para a Comunicação da Santa Sé, a Dra. Montse, Montserrat Alvarado, que se juntou à equipa vaticana da Santa Sé para assumir esta função desafiante como

Prefeita da Comunicação, sucedendo ao Dr. Paolo Ruffini, que concluiu o seu mandato. E assim, podemos agora contar com a maravilhosa experiência, a criatividade, a vitalidade e o entusiasmo da senhora Montse, que nos acompanhará nesta viagem e me ajudará a mim e ao Vaticano neste tão importante campo da comunicação. Bem-vinda, senhora Montse!

E, finalmente, como sabeis, estamos a caminho de três países da América Latina, cada um deles com uma história muito particular. Há muitas coisas em comum e muitas diferenças. E claro, a parte mais prolongada da viagem será no Peru que, para mim, é uma das minhas tantas "casas": estou muito feliz por lá regressar.

Naturalmente, gostaria apenas de reiterar que a principal razão para fazer esta viagem é dar continuidade à missão do

Bispo de Roma, do Papa, e partilhar a alegria do Evangelho, anunciar a Boa Nova e caminhar com as pessoas, manifestando aquela proximidade que é tão importante para elas, quer nos momentos de alegria, quer nos momentos de tristeza, pois elas, no mundo de hoje, procuram intensamente uma mensagem de esperança.

Espero sinceramente que este seja o foco principal desta viagem, com o tom específico de cada país, de cada visita, dos seus povos e das suas culturas.

Estou muito feliz por compartilhar esta viagem convosco. Muito obrigado.

02

PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA · MONTEVIDÉU

DISCURSO

Um povo em marcha

Encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático

SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO

> **Numa única frase, unia a origem da autoridade e a responsabilidade de quem a exerce: recebê-la de uma comunidade concreta e responder perante ela.**

Senhor Presidente da República,
distintas autoridades e membros do Corpo Diplomático,
senhoras e senhores,

Aceitei com grande alegria o amável convite que me foi dirigido para visitar esta terra uruguaia. Agradeço, Senhor Presidente, as palavras que acabou de proferir e os cuidados com que me receberam. A minha saudação estende-se igualmente àqueles que aqui representam as instituições da República e às nações acreditadas junto do país.

Desde já, quero fazer chegar a minha saudação a todos os uruguaios, onde quer que se encontrem. Durante estes dias, terei a alegria de percorrer alguns locais desta terra, conhecer a sua história e encontrar-me com homens e mulheres que, em realidades muito diversas, fazem parte da vida do país. Entre eles, Florida,

onde se venera Nossa Senhora dos Trinta e Três, Padroeira do Uruguai, tem um lugar especial. Ao iniciar a minha visita, gostaria de colocar sob a sua proteção todos aqueles que encontrarei no meu caminho. A sua presença acompanha uma página decisiva da história nacional e continua, ainda hoje, a congregar gerações muito distintas de uruguaios.

Essa mesma história conserva outro episódio que gostaria de recordar aqui. Refiro-me ao *Êxodo do Povo Oriental*, de 1811, também conhecido como *La Redota*. Não precisamos de nos afastar deste local para o evocar, uma vez que o monumento a Artigas, situado no centro desta praça, tem no seu pedestal um friso de bronze no qual Angelo Zanelli representou cenas dessa marcha. Gostaria de me deter em alguns detalhes dessas figuras, pois oferecem um ponto de partida concreto para ver também o Uruguai de hoje.

No topo do monumento, Artigas aparece sozinho, montado a cavalo. Mais abaixo, no relevo frontal, ele reaparece entre os seus homens, fazendo parte daquela multidão. Este pormenor faz lembrar umas palavras que proferiu pouco depois perante os representantes orientais reunidos no *Congresso de abril* de 1813: «A minha autoridade – disse ele – emana de vós e cessa diante da vossa presença soberana» (*Oración inaugural: Arquivo Artigas*, vol. XI, doc. 82). Numa única frase, unia a origem da autoridade e a responsabilidade de quem a exerce: recebê-la de uma comunidade concreta e responder perante ela.

Em 2025, completaram-se quarenta anos ininterruptos de democracia no Uruguai, durante os quais, por decisão dos cidadãos, se sucederam diferentes governos. A autoridade pública encontra a sua razão de ser no serviço ao bem comum e é chamada a ser exercida no âmbito da

ordem jurídica, respeitando a liberdade e a responsabilidade dos cidadãos (cf. Const. past. *Gaudium et spes*, 74). Daí o valor dos mecanismos que permitem participar na vida pública, delimitar com clareza as competências das instituições e eleger aqueles que assumem o encargo de governar (cf. *ibid.*, 75).

O bem comum inclui também a responsabilidade de transmitir às futuras gerações os bens que hoje recebemos. Como recordou o meu predecessor, Papa Francisco, «a noção de bem comum engloba também as gerações futuras» (Carta enc. *Laudato si'*, 159). Esta responsabilidade traduz-se nas decisões que afetam o uso dos recursos naturais e das fontes de energia. Nas últimas décadas, o Uruguai transformou profundamente a sua matriz de produção de energia elétrica, que hoje se baseia quase inteiramente em fontes renováveis.

Trata-se de um resultado notável que exigiu decisões sustentadas ao longo de anos e a participação de diversos setores do país. Este passo coloca agora novos desafios no transporte, na produção e na utilização responsável da terra, da água e da energia. Pensar a longo prazo significa precisamente administrar estes bens sem comprometer as possibilidades futuras.

O olhar para o futuro estende-se também àqueles que virão a habitar esta terra: às condições em que poderão nascer e crescer e às oportunidades que encontrarão ao longo da sua vida. A evolução demográfica do Uruguai torna essa preocupação especialmente concreta. Num dos frisos encontrados no monumento, está representada uma mulher que tem um bebé nos braços. Ela segura-o com firmeza, enquanto à sua volta a marcha continua.

Este gesto de proteção leva-nos a pensar na vida que está a começar, bem como naquela que ainda cresce no seio materno. Quem ainda não nasceu já pertence à família humana e ao futuro do seu povo. A sua dependência absoluta da mãe não diminui a dignidade que lhe é própria nem a proteção que merece. O próprio Jesus quis assumir esta condição ao encarnar-se. Acolher uma nova vida exige que o pai se comprometa ao lado da mãe, que a família preste o seu apoio e que existam condições sociais que permitam a ambos criar e cuidar dos seus filhos. A proteção de quem está para nascer e o amparo de quem o acolhe são indissociáveis. A família continua a ser o primeiro ambiente em que cada pessoa é acolhida e aprende a viver com os outros. São João Paulo II, que também teve a alegria de visitar esta terra, expressou-o com uma frase que conserva

toda a sua força: «O futuro da humanidade passa pela família!» (Exort. ap. *Familiaris consortio*, 86).

Em outra parte do friso, vemos várias crianças a caminhar ao lado dos adultos. Elas fazem parte do povo mesmo antes de poder participar nas suas decisões ou contribuir com o seu trabalho. Aqueles que então avançavam ao lado dos adultos acabariam por receber, por sua vez, a responsabilidade de dar continuidade à vida em comum. Por isso, cuidar dos pequeninos inclui necessariamente garantir-lhes uma educação adequada. O lar onde uma criança cresce, a alimentação que recebe e a presença de adultos que a acompanham sustentam os seus primeiros anos; a educação dá continuidade a essa tarefa, desenvolve as suas capacidades, forma o seu juízo e prepara-a para

participar com liberdade e responsabilidade na vida da sociedade (cf. Decl. *Gravissimum educationis*, 1).

A formação recebida deve também abrir oportunidades concretas para a integração na vida profissional, para pôr em prática o que foi aprendido e para adquirir autonomia através do próprio esforço. O trabalho torna-se assim um dos meios que permitem a cada pessoa desenvolver as suas capacidades e contribuir para o bem dos outros. Convém recordar que «o trabalho é "para o homem" e não o homem "para o trabalho"» (S. João Paulo II, Carta enc. *Laborem exercens*, 6). Este critério mantém toda a sua atualidade face às rápidas mudanças da tecnologia e da inteligência artificial. O desenvolvimento destas tecnologias deve ampliar as capacidades humanas, facilitar as tarefas e criar possibilidades, procurando garantir que a

pessoa que trabalha não seja reduzida a uma mera peça dispensável em meio ao processo produtivo.

Entre as figuras do monumento, encontramos também uma idosa encurvada que, apoiando-se numa bengala, avança com dificuldade. Em torno de uma das carroças, várias pessoas aproximam-se umas das outras e estendem os braços; algumas parecem mais preocupadas em ajudar-se mutuamente do que em apressar o passo. Faziam parte daquele povo também os que precisavam de apoio para continuar. A sua pertença não dependia da força, autonomia ou capacidade de contribuir. Também hoje não se pode medir o valor de uma pessoa pelo que ela produz, pelo seu trabalho ou pela sua habilidade de se valer por si própria. «A dignidade fundamental de cada pessoa, portanto, não se

adquire, nem se merece, e nem precisa de ser demonstrada» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 53).

Também hoje não se pode medir o valor de uma pessoa pelo que ela produz, pelo seu trabalho ou pela sua habilidade de se valer por si própria.

O bronze preserva os seus rostos e gestos, mas nada nos diz sobre o que cada um trazia dentro de si enquanto caminhava no meio dos outros. Também hoje podemos viver rodeados de pessoas, partilhar com elas o trabalho, a rua ou até mesmo o próprio lar, e desconhecer o fardo que elas carregam consigo. A solidão, a angústia e a perda de esperança podem tornar-se tão profundas a ponto duma pessoa deixar de

encontrar razões para continuar a viver. Perante a dolorosa realidade do suicídio, revelam-se inseparáveis os cuidados de saúde, os laços familiares e a proximidade da comunidade. Ninguém deveria sentir-se estranho entre os seus nem pensar que a sua ausência será menos notada que a sua presença.

“
Ninguém deveria sentir-se estranho entre os seus nem pensar que a sua ausência será menos notada que a sua presença.

Outras formas de sofrimento manifestam-se no corpo ou nas condições de vida. A doença, a deficiência, a dor física, a perda

de autonomia, a pobreza, a falta de trabalho ou a exclusão podem tornar especialmente necessária a ajuda dos outros. Recentemente, experimentei pessoalmente as limitações impostas pela doença e recebi cuidados pelos quais estou profundamente grato. Esta experiência levou-me a pensar em tantos homens e mulheres que carecem dos meios necessários para obter um diagnóstico adequado ou receber os tratamentos de que precisam. Garantir que os cuidados de saúde estejam ao alcance de todas as pessoas, independentemente dos seus recursos, é uma responsabilidade que interpela toda a sociedade. Quem atravessa uma destas situações não deixa, por isso, de ser um membro da sociedade com plenos direitos, nem perde em nada o valor da sua vida. Nessas circunstâncias, a sua fragilidade

torna ainda mais urgente a necessidade de receber assistência adequada, recursos e acompanhamento contínuo.

A atenção devida aos que sofrem compromete toda a família humana. Para a Igreja, este dever encontra uma razão particular no mandamento de Jesus Cristo de ser reconhecido e servido nos mais necessitados (cf. *Mt* 25, 40). Como recordou Bento XVI, «a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre» (Carta enc. *Spe salvi*, 38). Por isso, cabe a todos zelar para que cada pessoa possa viver com dignidade, receber os devidos cuidados e ser acompanhada até ao fim natural da sua vida.

Através das Dioceses, comunidades e de tantas pessoas dedicadas a servir aos outros, a Igreja deseja colaborar com todos aqueles que se empenham em aliviar,

sempre que possível, a dor e em apoiar a pessoa quando essa dor não pode ser eliminada. Para esta tarefa comum, a Igreja contribui com o que lhe é próprio: uma esperança que não se extingue quando os recursos humanos chegam ao limite e que recorda a quem passa por provações que a sua vida conserva sempre sentido e valor, que não está sozinho nem muito menos deixou de ser amado por Deus em meio à escuridão.

Aquela multidão que avançava ao lado de Artigas reunia também pessoas de condições muito diversas. No relevo das figuras do monumento, uma mulher com trajes elegantes vai atrás duma carroça, enquanto outros conduzem os animais ou transportam os seus pertences. Essas diferenças também fazem parte da história do Uruguai, onde gerações de homens

e mulheres de origens e condições sociais diversas fizeram desta terra uma pátria comum.

Quem faz parte de um mesmo povo pode partir de situações muito diferentes e dispor de recursos desiguais. Por isso, a forma como a economia é organizada e orientada acaba por se repercutir diretamente nas condições de vida das pessoas e nas suas possibilidades de construir o próprio futuro. A criação de riqueza, o investimento e a iniciativa económica – tanto pública como privada – são necessários para o desenvolvimento de um país, mas os seus frutos devem também traduzir-se em bens e oportunidades que cheguem efetivamente a todos, pois «são as pessoas concretas que contam: cada uma delas e as suas famílias» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 58).

A convivência entre pessoas de diferentes origens e tradições faz parte também da história do Uruguai. Essa pluralidade manifesta-se atualmente nas crenças e convicções dos seus cidadãos. O caráter laico do Estado tem por missão garantir um espaço em que crentes e não crentes possam conviver com liberdade e respeito, porque alguns valores são universais. Esta neutralidade não implica que a dimensão religiosa deva ficar confinada à esfera privada. Como ensina o Concílio Vaticano II, ninguém deve ser obrigado a agir contra a sua consciência nem impedido de agir de acordo com ela, tanto na esfera privada como na pública, individualmente ou associado com outros, dentro dos devidos limites (cf. Decl. *Dignitatis humanae*, 2-3). A partir desta liberdade, as pessoas e as comunidades religiosas podem contribuir para o bem comum, respeitando a autonomia das instituições civis.

O respeito e a convivência que são buscados numa nação devem também orientar as suas relações com outros povos. A própria *Constituição* uruguaia dispõe que, nos tratados internacionais, a República procure que as controvérsias sejam resolvidas por meio de arbitragem ou outros meios pacíficos e promova a integração social e económica dos Estados latino-americanos (cf. art. 6.º). Além disso, que Montevidéu seja a sede da Secretaria do Mercosul concretiza de forma particular essa vocação de favorecer espaços de entendimento e cooperação na região. Numa época em que as diferenças podem facilmente transformar-se em motivo de confronto, perseverar no respeito pelo direito, na negociação e na busca paciente de acordos constitui um serviço que o Uruguai pode continuar a oferecer aos seus vizinhos.

Numa época em que as diferenças podem facilmente transformar-se em motivo de confronto, perseverar no respeito pelo direito, na negociação e na busca paciente de acordos constitui um serviço que o Uruguai pode continuar a oferecer aos seus vizinhos.

Antes de concluir, gostaria de voltar àquela marcha representada no centro desta praça. A *Redota* tem um lugar singular na memória uruguaia: recorda um povo posto à prova, que teve de deixar para trás muito do que possuía e procurou permanecer unido no meio da incerteza.

O relevo das figuras deste monumento estende-se pelas quatro faces do pedestal. A partir de um único ponto, mal conseguimos contemplar uma parte daquela multidão. Para descobrir os restantes, é necessário aproximar-se, percorrê-lo e fixar o olhar nas suas personagens. O povo surge precisamente no conjunto. Naquela multidão, podemos reconhecer algo que permanece na vida do Uruguai: a responsabilidade uns para com os outros, que permite a pessoas de diferentes gerações e condições continuar a construir uma história comum.

“
O povo surge precisamente no conjunto.

Vim ao Uruguai como Sucessor de Pedro e como pastor, com o desejo de me encontrar com a Igreja peregrina nesta terra e de me aproximar, com carinho, a todo o seu povo. Os laços entre a Santa Sé e o Uruguai remontam aos primeiros anos da sua independência. Nesse contexto, o meu predecessor, Papa Gregório XVI, confirmou as faculdades do Padre Dámaso Antonio Larrañaga e nomeou-o Vigário Apostólico da República através de um breve apostólico de 14 de agosto de 1832. Aquele ato, de natureza eclesiástica, foi também interpretado como um reconhecimento implícito da independência do novo Estado oriental, que na altura procurava consolidar a sua posição entre as nações.

Com uma história de fé e serviço, que remonta a séculos atrás, a Igreja deseja continuar a oferecer ao povo uruguaio aquilo que ela própria recebeu – Jesus

Cristo e a esperança do seu Evangelho – e colaborar, a partir da sua própria missão, com todos aqueles que trabalham pelo bem comum e pela dignidade de cada pessoa.

Que estes dias nos permitam fortalecer o que nos une e renovar a confiança com que enfrentamos as dificuldades e nos preparamos para o que está para vir. Que Deus abençoe o Uruguai e que Maria Santíssima, a quem este povo se confiou no momento do seu nascimento, continue a acompanhá-lo ao longo da sua história.

Muito obrigado.

A CHAVE AGOSTINIANA

A justiça, medida do poder

> **Se tirarmos a justiça, que são os reinos senão grandes latrocínios?**
>
> Santo Agostinho, A Cidade de Deus, IV, 4

Agostinho sabia que o poder sem justiça deixa de ser serviço. É o eco agostiniano do que o Papa diz na praça: a autoridade existe para o bem comum e exerce-se dentro da lei, respondendo perante o povo.

03

CATEDRAL METROPOLITANA · MONTEVIDÉU

HOMILIA

Onde está o nosso coração?

Vésperas com bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas e seminaristas

SEXTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO

> **Assim é o coração humano: pouco a pouco vai assumindo a forma daquilo que ama e no qual deposita a sua confiança.**

Queridos irmãos e irmãs em Cristo Jesus,

É uma alegria celebrar convosco a oração da tarde nesta Catedral, que conserva tantas memórias da vida do seu povo. Entre elas, a pia onde José Gervasio Artigas recebeu o Batismo, sinal do contributo fecundo da Igreja em prol do país. Foi ali que, para ele, começou uma nova vida como filho de Deus. Essa mesma graça está na origem da nossa própria história. Pelo Batismo, Cristo tornou-nos participantes da sua vida e convida-nos a crescer à sua semelhança, até que aprendamos a olhar, a escutar e a amar como Ele.

O salmo que acabámos de entoar contém uma advertência surpreendente. Depois de descrever os ídolos de ouro e prata, obras das mãos humanas, diz: «Sejam iguais a

eles, os que os fazem e todos os que neles confiam» (*Sl* 135, 18). Os homens construíam aquelas imagens e acabavam por se tornar semelhantes a elas. Assim é o coração humano: pouco a pouco vai assumindo a forma daquilo que ama e no qual deposita a sua confiança. Por isso, Jesus diz-nos: «Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (*Mt* 6, 21).

Também nós, que entregámos a vida ao Senhor, precisamos de nos perguntar onde está o nosso coração. Por vezes, ele pode ficar preso a uma obra que consideramos nossa, ao reconhecimento que recebemos ou à tranquilidade de ter tudo sob controle. E, sem nos apercebermos, começamos a ver os outros a partir de uma perspectiva com base nessas preocupações. A fidelidade à nossa vocação exige que voltemos, uma e outra vez, a Jesus Cristo, deixando que Ele seja o nosso tesouro, Aquele a quem queremos assemelhar-nos.

Também nós, que entregámos a vida ao Senhor, precisamos de nos perguntar onde está o nosso coração.

Os ídolos, continua o salmo, «têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem» (*Sl* 135, 16-17). São de ouro e prata, mas carecem de vida. Quão diferente é o Deus em quem depositámos a nossa confiança! Ele vê o sofrimento do seu povo e ouve o seu clamor. Assim o revelou a Moisés junto à sarça ardente: «Eu bem vi a opressão do meu povo [...] e ouvi o seu clamor» (*Ex* 3, 7).

E quando o Filho de Deus se fez homem, essa compaixão divina manifestou-se num rosto humano, em olhos, ouvidos e mãos como os nossos. Jesus ergueu o olhar para Zaqueu, que estava escondido entre a

folhagem duma árvore (cf. *Lc* 19, 5). Ouviu Bartimeu, quando muitos queriam que ele se calasse (cf. *Mc* 10, 48-49). Estendeu a mão para tocar num leproso (cf. *Mc* 1, 41) e abençoou as crianças que se aproximavam (cf. *Mc* 10, 16). De sua boca saiu a palavra que expulsava os demónios (cf. *Mc* 1, 25-26) e, da cruz, o pedido de perdão pelos seus algozes (cf. *Lc* 23, 34). Assim é o nosso Deus. Em Jesus, conhecemos como Ele nos vê e o quanto nos ama (cf. *Jo* 14, 9).

Queridos irmãos, também por meio de vós, esse amor de Cristo quis chegar a tantas pessoas. Os vossos olhos viram o crescimento de gerações inteiras e repararam em lágrimas que passavam despercebidas. Os vossos ouvidos acolheram confidências difíceis de pronunciar. Quantas pessoas chegaram ao confessionário com receio e saíram radiantes pelo perdão recebido! O mesmo acontece com as vossas mãos, que tantas

vezes elevaram o Corpo de Cristo, ajudaram os doentes, prepararam uma refeição ou ampararam quem já não conseguia caminhar. Essas mãos que, através do carisma das vossas congregações, fizeram chegar a tantas pessoas a ternura de Deus. Algumas delas trazem as marcas da idade e do trabalho. Como são belas as mãos que envelheceram a fazer o bem!

> **“Como são belas as mãos que envelheceram a fazer o bem!**

Existe uma transformação que o Senhor realiza em quem permanece perto d’Ele. A Leitura Breve recordou-nos que a provação da nossa fé produz perseverança (cf. *Tg* 1, 3). A semelhança com Cristo amadurece

também nas dificuldades, ou seja, quando o trabalho parece infrutífero, as forças diminuem ou é preciso recomeçar. A constância vai deixando uma marca. Com o passar dos anos, o olhar pode tornar-se mais misericordioso, as mãos mais dispostas a servir e as palavras mais capazes de consolar. Oxalá as provações nos encontrassem sempre unidos a Jesus, para que nos façam crescer no seu amor!

Sob as abóbadas desta Catedral repousa o corpo do Beato Jacinto Vera. Neste túmulo, aguardam a ressurreição aqueles pés que percorreram os caminhos do Uruguai para levar o Evangelho ao seu povo; as mãos que abençoaram, socorreram os pobres e administraram os Sacramentos; os ouvidos que acolheram incontáveis confidências e os olhos que se detiveram naqueles que precisavam de ajuda. Assim o descreveu uma religiosa que o acompanhou durante anos e que,

evocando a sua simplicidade de falar e até a sua maneira de andar, deixou este testemunho: «Ao vê-lo, parecia que estava sempre em oração» (*Positio*, I, 154). O relacionamento com Deus tinha moldado o seu rosto, os seus gestos, a sua maneira de estar com os outros. Quem se aproximava dele encontrava algo da bondade de Cristo, mesmo antes de ouvir uma única palavra da sua pregação.

Queridos irmãos e irmãs, eis um dos segredos da evangelização: assemelhar-nos Àquele que anunciamos. Nesta terra, onde muitos dos nossos contemporâneos mal conhecem Jesus Cristo e tantos jovens cresceram longe da vida da Igreja, este testemunho tem uma força particular. Que, ao verem como olhamos para os outros, como escutamos ou como nos aproximamos de quem sofre, isso possa suscitar neles a pergunta: de onde nasce este amor? E que, quando lhes falarmos

de Jesus, descubram o mesmo Senhor cuja bondade começaram a experimentar através de nós, apesar da nossa pobreza.



Queridos irmãos e irmãs, eis um dos segredos da evangelização: assemelhar-nos Àquele que anunciamos.

Este desejo de que outros conheçam e sigam Jesus manifestou-se também na oração pelas vocações. Quando, em 2024, o seminário interdiocesano não recebeu novos candidatos, muitos fiéis começaram a reunir-se em momentos de oração e jejum para pedir ao Senhor que enviasse trabalhadores para a sua messe (cf. *Mt* 9, 38). Desde então, têm perseverado na súplica para que outros ouçam o seu chamamento. E hoje damos graças porque

vários jovens iniciaram o seu caminho no seminário e na vida consagrada e estão sentados no meio de nós. Que alegria saber que continuam a nascer respostas generosas ao amor de Cristo! Agradeço de coração a quem tem mantido esta súplica e encorajo-vos a perseverar. Vede nestes frutos a prova de que o nosso Deus escuta a oração do seu povo.

Gostaria que esta experiência do Uruguai encontrasse eco em toda a Igreja. Desde esta Catedral de Montevidéu, convido os meus irmãos bispos de todo o mundo a promoverem nas suas dioceses jornadas de oração e jejum pelo aumento das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Que as paróquias, as famílias e as comunidades religiosas se unam nesta súplica. Que o exemplo desta terra inspire muitos outros a rezar com a mesma confiança!

Queridos seminaristas, noviços e noviças, contemplai os que, antes de vós, já percorreram o caminho da entrega: as suas mãos desgastadas, o seu amor perseverante, a sua forma de se relacionar com Jesus. Aprendei deles essa familiaridade com o Senhor. E aos que há muitos anos se dedicam ao ministério ou à vida consagrada, peço-vos que volteis sempre ao essencial. Guardai o silêncio da oração, a escuta da Palavra, o encontro com Cristo na Eucaristia. Nessa intimidade renova-se o amor que vos levou a entregar-lhe a vida, e o nosso coração vai adquirindo os traços do seu.

Gostaria ainda de mencionar mais uma imagem do salmo. Sobre aqueles ídolos, é dito que «nem sequer há respiração na sua boca» (*Sl* 135, 17). Ao contrário, o Senhor ressuscitado soprou sobre os seus discípulos e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo» (*Jo* 20, 22). Esse mesmo

Espírito dá vida ao barro que somos (cf. *Gn* 2, 7) e nos reúne num único corpo. Deixai-vos guiar por Ele e fazei tudo unidos pelo vínculo do amor, sobretudo quando vos virdes rodeados de todo o tipo de provações (cf. *Tg* 1, 2). Embora, por vezes, muitos quilómetros vos separem, sustentai-vos uns aos outros e permanecei sempre em comunhão com o Sucessor de Pedro, que também precisa do apoio das vossas orações.

Daqui a alguns instantes, cantaremos o *Magnificat*. No seio da Santíssima Virgem Maria formaram-se os olhos que veriam com misericórdia, os ouvidos que escutariam as nossas súplicas e as mãos que se estenderiam para salvar. Que Nossa Senhora dos Trinta e Três nos ajude a manter o coração unido ao seu Filho, para que, quando chegar a hora de fechar

os olhos, possamos ouvir o Senhor chamar-nos pelo nome e abandonar-nos, com confiança, nas suas mãos. Ámen.

PALAVRAS IMPROVISADAS DO SANTO PADRE AOS JOVENS REUNIDOS DIANTE DA NUNCIATURA APOSTÓLICA (MONTEVIDÉU)

Onde estão os jovens? Onde está a juventude do Papa? Mais alto!

Boa noite a todos! Muito obrigado!

Muito obrigado pelo acolhimento. Vejo que o Uruguai é um país de jovens que têm fé.

> **“Vejo que o Uruguai é um país de jovens que têm fé.**

Ótimo! É um prazer cumprimentar-vos. Espero ver-vos de novo nestes dias.

O Núncio Apostólico está a dizer que quer dormir, mas vós cantai até à hora que quiserdes! Bem, talvez não tanto assim, porque os vizinhos também vão querer dormir. De qualquer forma, muito obrigado. Obrigado pelo vosso entusiasmo, obrigado por estardes aqui.

Deus vos abençoe a todos! Que a bênção de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sempre sobre vós.

Boa noite!

A CHAVE AGOSTINIANA

Usar e gozar

> **Gozar é aderir a uma coisa por amor a ela mesma.**
>
> Santo Agostinho, A Doutrina Cristã, I, 4, 4

Agostinho distingue entre «usar» (*uti*) e «gozar» (*frui*): só Deus pode ocupar o lugar definitivo no coração; tudo o resto, mesmo as nossas obras apostólicas, é caminho para Ele. Daí a pergunta das Vésperas: onde está colocado o nosso coração?

04

PAYSANDÚ

HOMILIA

Pontes, palmeirais e mate

Santa Missa no Parque París Londres

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO

> **É a vocação à qual todos somos chamados: construir pontes, estreitar laços, unir, comunicar, transmitir a alegria da fé, tal como fez o Beato Jacinto «em tempo propício e fora dele»** (2 Tm 4, 2)**.**

Queridos irmãos e irmãs,

Esta é a primeira Missa da minha viagem que celebro em solo uruguaio. Obrigado por estar aqui! As leituras que ouvimos descrevem-nos a figura de um homem justo, a quem o Senhor ajuda e fortalece para que leve a cabo a missão que lhe foi confiada. Na Carta que escreve aos filipenses, São Paulo agradece o apoio da comunidade à sua ação missionária, consciente de que, na sua pobreza, Deus é toda a sua riqueza e a sua Divina Providência se manifesta através dos irmãos a quem foi enviado.

O Salmo, por sua vez, chama bem-aventurado àquele que ama a lei do Senhor e cujas obras são coerentes com a sua fé. Da mesma forma, Jesus, no Evangelho, valoriza o homem íntegro, que serve a

Deus e o coloca no centro da sua vida, sendo fiel em tudo o que lhe é confiado, tanto assunto de grande como de pequena importância.

Hoje, reunidos aqui em Paysandú para celebrar a Eucaristia, com a alegria de reunir à volta da mesma mesa tantos fiéis da Igreja uruguaia, bem como peregrinos vindos de países irmãos, a liturgia da Palavra leva-nos a recordar a presença, nestas terras do Rio da Prata, de tantas pessoas de fé que, desde os primórdios da evangelização do continente, vieram em nome do Senhor para anunciar a grande alegria que eles próprios tinham experimentado ao encontrar-se com Cristo. Eles – tal como os anjos aos pastores (cf. *Lc* 2, 10) – transmitiram com alegria a boa nova do Evangelho, expressando a sua fé por meio de obras de caridade e misericórdia.

Nesta celebração, queremos também recordar e dar graças a Deus pela vida e ministério de um filho destas terras, o Beato Jacinto Vera, Bispo de Montevidéu, que foi uma testemunha coerente da fé que anunciava, generoso na caridade e totalmente dedicado à missão apostólica. Demonstrou o seu zelo pastoral em todas as direções e sem poupar sacrifícios. Por exemplo, ia a cavalo visitar os doentes, apesar das grandes distâncias, dos perigos do caminho e das intempéries. O *Bispo gaucho* percorreu três vezes o território uruguaio, levando fé e esperança aos seus habitantes. Durante a histórica Defesa de Paysandú, em 1864, Dom Vera instalou-se na Ilha da Caridade, em frente à cidade sitiada, para atender refugiados e feridos de ambos os lados. Lá permaneceu até ao fim do cerco para acompanhar o seu povo,

suplicando em nome de Deus que os exércitos de irmãos se abraçassem fraternalmente.

Queridos irmãos e irmãs: cabe-nos hoje dar continuidade ao legado que estes semeadores do Evangelho nos deixaram, e devemos fazê-lo tendo em conta o que nos diz a Palavra de Deus: com justiça, honestidade e fidelidade, conscientes de que a mensagem que anunciamos não nos pertence. É um tesouro que recebemos do Senhor e que trazemos em vasos de barro (cf. *2 Cor* 4, 7).

Esta região é caracterizada por três símbolos que nos podem ajudar a refletir sobre o depósito da fé que nos foi concedido e sobre a missão que hoje nos é confiada. O primeiro é *a ponte*, o segundo *os palmeirais* e o terceiro *o mate*.

Nesta cidade de Paysandú, encontra-se a Ponte Internacional General Artigas que atravessa o rio Uruguai e une dois países vizinhos. Não é difícil imaginar os benefícios que uma ponte pode trazer: abertura, comunicação, intercâmbio. Por isso, como é importante ser construtor de pontes! É a vocação à qual todos somos chamados: construir pontes, estreitar laços, unir, comunicar, transmitir a alegria da fé, tal como fez o Beato Jacinto «em tempo propício e fora dele» (*2 Tm* 4, 2).

Além disso, é necessário que a ponte tenha bons alicerces para que não sucumba às correntes mais violentas. Certamente, tal como a casa construída sobre a rocha permanece firme no meio da tempestade e a casa construída sobre a areia corre o risco de ruir (cf. *Mt* 7, 24-27), também uma ponte precisa de fundações adequadas para não desabar com a força do vento e das águas. Sempre que fordes à

costa e avistardes a ponte, lembrai-vos de que este símbolo nos representa e nos indica a importância de uma sólida formação cristã. Precisamos de estar bem preparados para dar as razões da nossa fé a quem quer que no-las peça (cf. *1 Pe* 3, 15), sem nos deixarmos levar «por doutrinas diversas e estranhas» (*Heb* 13, 9). Só assim seremos instrumentos de unidade e vínculos de caridade.

Outro símbolo que caracteriza e embeleza esta terra são *os palmeirais*. O Livro dos Salmos diz-nos que «os justos florescerão como a palmeira» (*Sl* 92, 13). Esta árvore é resistente à força dos ventos, possui raízes profundas, ergue-se em direção ao céu em busca de luz e produz o doce fruto butiá-jataí. Esta é uma bela imagem da origem e do destino para o qual somos chamados: enraizar-nos em Cristo, Alfa e Ómega,

Princípio e Fim da nossa vida, para que, permanecendo unidos a Ele, possamos dar bons frutos (cf. *Jo* 15, 5).

Ao mesmo tempo, vemos que as palmeiras não crescem isoladas nesta região, mas formam palmeirais; ou seja, são muitas e não estão sozinhas nem distanciadas umas das outras. Da mesma forma, a Igreja é uma comunidade de irmãos que tem raízes profundas, alimentando-se de uma fonte comum: a Palavra de Deus, os Sacramentos, a oração e a ação caritativa; os seus fiéis elevam o olhar em conjunto para louvar a Cristo, o Sol que nasce do alto, cuja luz guia os passos da humanidade pelo caminho da paz (cf. *Lc* 1, 78-79).

Por fim, pensemos num símbolo que está presente em cada lar deste país, em cada local de estudo e trabalho, em cada encontro de amigos. Refiro-me ao *mate*,

essa bebida tão típica da América do Sul, cujo significado profundo sabeis explicar melhor do que eu. Com certeza, o mate também vos acompanhou hoje na viagem a caminho desta celebração, e irá acompanhar-vos no regresso. Chegou inclusivamente a Roma!

O mate é sinal de familiaridade, amizade e convívio. Ensina-nos a partilhar e a estar juntos, a estreitar os laços que nos unem e nos tornam irmãos. É sinal de acolhimento, integração e valores comuns. “Tomar mate” é um ritual repleto de simbolismo, no qual se dialoga sem palavras e cada detalhe tem um significado próprio. Penso também nos mates que se bebem quando se está sozinho e que acompanham um instante de silêncio e oração. Nesses momentos de solidão, quantas vezes muitos de vós tereis confiado a Deus as vossas preocupações e necessidades, os vossos desejos e anseios mais profundos.

Ensina-nos a partilhar e a estar juntos, a estreitar os laços que nos unem e nos tornam irmãos.

Queridos irmãos e irmãs: precisamos de refletir sobre estes símbolos que nos são comuns, que nos dão identidade e sentido de pertença, que falam das nossas origens e nos projetam para o futuro. Também a fé faz parte do povo uruguaio desde os seus inícios, e é necessário transmiti-la às gerações futuras com ousadia criativa.

“Também a fé faz parte do povo uruguaio desde os seus inícios, e é necessário transmiti-la às gerações futuras com ousadia criativa.

Jesus, no Evangelho de hoje, recorda-nos a importância da fidelidade aos dons recebidos: «Quem é fiel no pouco também é fiel no muito» (*Lc* 16, 10). Estas palavras foram postas em prática por tantos homens e mulheres – como Dom Jacinto Vera – que foram fiéis à vocação recebida e espalharam as sementes do Evangelho na alma do povo uruguaio. Essas sementes permanecem vivas na comunidade, mas é necessário continuar a proporcionar as condições necessárias para que possam crescer e expressar todo o seu potencial. É

necessário continuar formando as crianças e os jovens na fé, acompanhando as famílias, apoiando os idosos e praticando obras de caridade.

Queridos irmãos e irmãs: encorajo-vos a prosseguir a missão evangelizadora com entusiasmo. Sede pontes, para que muitos se encontrem com Jesus. Sede uma comunidade fraterna, que se reúne e partilha a vida e os projetos, os sonhos e as esperanças, especialmente com os mais necessitados. Sede uma comunidade de oração, que mantém o diálogo com o Senhor "como um amigo fala a outro amigo" (cf. *Jo* 15, 15). Cristo conta convosco! Cristo conta contigo!

"

Sede pontes, para que muitos se encontrem com Jesus.

Que a nossa Mãe celestial, a Virgem dos Trinta e Três, vos proteja no caminho da vida e vos guie sempre ao encontro do seu Filho Jesus.

SAUDAÇÃO IMPROVISADA DO SANTO PADRE AOS FIÉIS REUNIDOS EM FRENTE À BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Bom dia!

Muito obrigado pelo acolhimento e por estardes aqui.

Como talvez tenhais ouvido na homilia da Santa Missa, falei de três símbolos, três expressões que refletem muito bem uma parte da vida, uma parte da nossa vida cristã: ser construtores de pontes. Tal como aqui tendes esta ponte que une países, nós temos de construir pontes que unam todos os povos. Que os unam na fé,

que os unam porque acreditamos num único Deus, acreditamos que a paz é possível e queremos construir a paz.

Os palmeirais representam a nossa vontade de estar todos reunidos, a nossa vontade de construir comunidades de fé.

“
Os palmeirais representam a nossa vontade de estar todos reunidos, a nossa vontade de construir comunidades de fé.

E o mate, esta expressão tão importante na vossa cultura, em que dois amigos, dois familiares se unem para partilhar, muitas vezes dialogando sem palavras, mas unidos para partilhar a vida, as dificuldades e também as alegrias.

Que estes símbolos nos ajudem também a continuar a viver a nossa vida, apesar da dor, das dificuldades e dos desafios, buscando a presença de Deus entre nós e recebendo do Senhor a força e a coragem para viver a nossa fé, para proclamar a nossa fé em Jesus Cristo, que nos deu a vida. E como um pequeno gesto do meu desejo de estar sempre próximo de vós, ofereço-vos a bênção.

O Senhor esteja convosco.

A bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e convosco permaneça para sempre. Ámen.

Que Deus vos abençoe! Felicidades!

05

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE
· MONTEVIDÉU

SAUDAÇÃO E DISCURSO

«Vai e faz tu também o mesmo»

Encontro com a realidade social de Casavalle

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO

> **Que estas casas sejam para as suas famílias muito mais do que um teto: um verdadeiro lar onde possam crescer com dignidade, paz e esperança, sentindo sempre a proximidade e o amor de Deus.**

SAUDAÇÃO IMPROVISADA DO SANTO PADRE ÁS FAMÍLIAS RESIDENTES EM CASAVALLE

A bênção de Deus manifesta-se de muitas formas. Hoje queremos pedir a sua bênção para cada família aqui representada, seus entes queridos e todas as famílias que vivem nesta zona.

Recebemos uma bênção especial sempre que nos reunimos em comunidade e aprendemos a trabalhar juntos, a colaborar num projeto comum e a afirmar que a vida é importante, que a nossa fé nos sustenta e que queremos ser fiéis a Jesus, o nosso melhor amigo.

O Senhor esteja convosco. Que a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós. Ámen.

DISCURSO DO SANTO PADRE

Queridos irmãos e irmãs, boa tarde!

É para mim uma grande alegria poder visitar esta paróquia, este bairro, percorrer as ruas e conhecer as obras que foram realizadas com tanto esforço. Ao vê-las, sinto-me em casa, recordando as visitas a diferentes comunidades como missionário. Agradeço ao Cardeal Daniel Sturla, Arcebispo de Montevidéu, ao Pe. Pablo Coimbra, pároco desta comunidade, e à senhora Carmen Albana Sanz pelas suas palavras de boas-vindas; e a todos vós pela vossa presença aqui hoje e por terdes preparado este encontro com tanto entusiasmo. De forma especial, quero agradecer àqueles que deram os seus testemunhos, abrindo os seus corações para partilhar conosco o triunfo da vida, da fé e da esperança: Obrigado Angélica, Alan e Katherine.

Esta paróquia é dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, que foi declarada pelos meus antecessores “Padroeira da América

Latina” e “Imperatriz das Américas”. A presença amorosa da nossa Mãe do céu neste continente convida-nos a olhar para além da realidade que nos rodeia, a ver para além das fronteiras e, elevando o olhar, a abrir os nossos corações às realidades eternas. Da mesma forma, Maria ensina-nos a fazer o que o seu Filho Jesus nos diz (cf. *Jo* 2, 5), e essa é a missão das paróquias: ser como um farol que sinalize a presença de Jesus Cristo, oferecendo a todos a luz da Palavra de Deus, o auxílio dos Sacramentos, o apoio da oração e o bálsamo da caridade fraterna. Nesta comunidade paroquial foi levado a cabo um projeto de construção de várias habitações destinadas a famílias de baixos rendimentos. Alegre-me ter contribuído para esta bonita iniciativa através dos benfeitores da *Papal Foundation*, a quem agradeço sinceramente pela generosidade. Que

estas casas sejam para as suas famílias muito mais do que um teto: um verdadeiro lar onde possam crescer com dignidade, paz e esperança, sentindo sempre a proximidade e o amor de Deus.

Quero partilhar convosco uma história – certamente conhecida – que Jesus contou aos seus discípulos: refiro-me à parábola do bom samaritano (cf. *Lc* 10, 29-37). Nela conta-se que um homem «caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto» (v. 30). Este acontecimento foi muito lamentável e injusto. À terrível agressão sofrida pelo homem que caminhava pela estrada, ainda se juntou a dor causada pela indiferença daqueles que, mesmo vendo-o necessitado, passaram ao largo (cf. vv. 31-32). Mas a história não termina aí; no relato acende-se uma luz de esperança: um samaritano, ao vê-lo, comoveu-se,

aproximou-se, curou-lhe as feridas, levou-o a uma estalagem e providenciou os meios necessários para os seus cuidados e recuperação (cf. vv. 33-35).

Queridos irmãos e irmãs, também hoje podemos ver esta história repetir-se diversas vezes nos muitos casos de insegurança e violência que, infelizmente, ameaçam a paz dos nossos bairros e até mesmo a vida dos nossos entes queridos, aos quais a sociedade tantas vezes responde com indiferença. Ao mesmo tempo, podemos ver o outro lado, ou seja, a ação de numerosas instituições e pessoas de bom coração que contribuem para promover a paz e ajudam as pessoas a suprir as suas necessidades de forma concreta. Um exemplo luminoso é a vida dedicada do Padre Cacho, que soube construir pontes, derrubar muros e promover o encontro, como nos contou a Angélica no seu testemunho.

Precisamos de continuar a apostar na proximidade caritativa do bom samaritano que, ao perceber o infortúnio alheio, não ficou indiferente, mas assumiu a responsabilidade pela vida do seu irmão. Não podemos passar ao largo quando sabemos que há crianças no Uruguai que não vão à escola por medo de não voltarem. Não podemos silenciar a nossa consciência quando constatamos que uma mãe não tem meios para alimentar os seus filhos. Não podemos ignorar que, à nossa volta, há muitas pessoas que sofrem, estão sozinhas e vulneráveis. Ouvimo-lo em primeira mão, nas palavras comoventes de Katherine. Um filho deste país, tão rico em recursos, não deveria deitar-se sem comer, nem deveria renunciar a uma educação e um futuro dignos devido à insegurança que reina nas ruas. Muito menos deveria sofrer violência a ponto de perder a vida.

Não podemos passar ao largo quando sabemos que há crianças no Uruguai que não vão à escola por medo de não voltarem.

Temos de trabalhar unidos: a Igreja, a sociedade civil e o Estado. É preciso despertar da nossa inércia e defender o bem comum. Foi a experiência que o Alan partilhou conosco: hoje oferece gratuitamente aquilo que, por sua vez, recebeu. Cabe-nos a decisão de construir uma nova cidade, na qual ninguém seja excluído, ou de continuarmos confortavelmente mergulhados, cada um nos seus assuntos. O Papa Francisco dizia-nos que «a inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na margem da estrada define todos os projetos económicos,

políticos, sociais e religiosos. Dia a dia enfrentamos a opção de ser bons samaritanos ou viandantes indiferentes que passam ao largo» (Carta enc. *Fratelli tutti*, 69).

> **“Cabe-nos a decisão de construir uma nova cidade, na qual ninguém seja excluído, ou de continuarmos confortavelmente mergulhados, cada um nos seus assuntos.**

A missão da Igreja nasce da caridade evangélica, «que a impele a aproximar-se das feridas da humanidade quando se manifestam com maior gravidade. Ao

intervir, fá-lo imitando o bom Samaritano, com discrição e proximidade, consciente de que, quanto surge duma necessidade imediata não pode transformar-se em norma, nem substituir as responsabilidades institucionais próprias da comunidade civil» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 21). Unamos, portanto, os nossos esforços e respondamos com generosidade ao apelo para construirmos juntos uma pátria de irmãos.

Queridos amigos, a parábola do bom samaritano conclui-se com esta exortação de Jesus: «Vai e faz tu também o mesmo» (*Lc* 10, 37). Trata-se de um mandamento que cada cristão deve ouvir ressoar todos os dias no seu coração (cf. Exort. ap. *Dilexi te*, 107). Deixemos que estas palavras nos renovem e impulsionem a continuar juntos a construção duma nova cidade, onde reinem o amor e a paz. Que Deus vos abençoe e que a nossa Mãe de Guadalupe,

por quem nutro especial afeto e veneração pois na sua festa recebi a ordenação episcopal, vos proteja com o seu manto celestial. Muito obrigado.



Queridos amigos, a parábola do bom samaritano conclui-se com esta exortação de Jesus: «Vai e faz tu também o mesmo» (Lc 10, 37)**.**

06

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO URUGUAI
· MONTEVIDÉU

DISCURSO

Um passeio pelos cinco sentidos

Encontro com o mundo da educação

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO

> **Convido-vos, por isso, a fazer uma breve "caminhada" pelos nossos cinco sentidos e, refletindo sobre eles, a redescobrir a beleza do Evangelho e a magnificência da nossa humanidade.**

Queridos irmãos e irmãs:

É motivo de grande alegria para mim reunir-me convosco, que, seguindo o exemplo de Jesus, o Divino Mestre, dedicais a vossa vida ao serviço da educação. Saúdo o Cardeal Daniel Sturla, S.D.B., Magno Chanceler desta Universidade Católica. Saúdo os senhores Bispos, o Reitor, Padre Julio Fernández Techera, S.I., e todas as autoridades civis. Uma saudação especial aos professores e estudantes, vindos de tantos centros educativos deste país.

Há pouco mais de trinta e oito anos, São João Paulo II visitou esta instituição de ensino, que, naquela altura, dava os primeiros passos. Hoje, desejo agradecer-vos do fundo do coração pelo trabalho educativo que realizastes e continuais a

realizar nas comunidades de formação e de ensino, nos diferentes níveis e etapas da aprendizagem, em prol do anúncio do Evangelho e da dignidade da pessoa humana. Esta continuidade demonstra que a educação católica no Uruguai se tornou «a forma concreta pela qual o Evangelho se torna gesto educativo, relação, cultura». Confirma-nos, além disso, que «o Evangelho não envelhece, antes renova "todas as coisas" (*Ap* 21, 5). Cada geração escuta-o como novidade que regenera. Cada geração [descobre] o seu poder seminal e multiplicador» (cf. Carta ap. *Traçar novos mapas de esperança*, Prólogo, 1.1).

No âmbito educativo, o objetivo da missão pastoral é que o aluno, o professor e o dirigente do estabelecimento de ensino ouça, veja, saboreie, toque e sinta o aroma da Boa Nova; que ela ilumine os sentidos, tal como fazem os murais vibrantes deste Campus universitário, para que quem

participa na comunidade educativa cresça e fortaleça a sua inalienável dignidade de pessoa humana. O mesmo acontece nos ambientes de educação extraescolar e informal, nas comunidades educativas e de reinserção social ou terapêutica, onde, mais ainda do que as palavras, conta a presença atenta e o testemunho de vida de adultos fidedignos, competentes e que cooperam entre si.

Para que esse objetivo seja alcançado – dada a realidade mundial que vivemos –, considero necessário «superar as visões dualistas: o ser humano é "uno, composto de corpo e alma". A redução do corpo a "objeto", do qual dispor arbitrariamente, é sempre negação da dignidade da pessoa»

(cf. Const. past. *Gaudium et spes*, 14; *Catequese na Audiência Geral*, 9 de setembro de 2026).

Convido-vos, por isso, a fazer uma breve "caminhada" pelos nossos cinco sentidos e, refletindo sobre eles, a redescobrir a beleza do Evangelho e a magnificência da nossa humanidade.

Comecemos por comentar o versículo de um salmo: «Quando contemplo os céus» (*Sal* 8, 4). O salmista conduz-nos a uma das ações mais sublimes dos nossos olhos: contemplar. Contemplar, hoje em dia, é olhar com atenção, quase maravilhado, para algo espiritual ou material. A consciência do nosso lugar no plano de Deus e da nossa responsabilidade pessoal e coletiva no cuidado da harmonia original nasce da contemplação da criação e do encontro com Ele. Podemos apreciar isto também nos doze edifícios do Campus, que se fundem harmoniosamente no ambiente deste bairro.

Contemplar é evangelizar nesse processo cognitivo cada vez mais difícil: a atenção. À medida que crescem neste processo, as nossas crianças e jovens alcançam a profundidade que desejam; adquirem espaços de silêncio e discernimento; familiarizam-se no diálogo com a consciência e com Deus (cf. Carta ap. *Traçar novos mapas de esperança*, 10.3). Peço-vos que a contemplação ocupe um lugar privilegiado no vosso trabalho educativo.

Em segundo lugar, o salmista, ao dizer «*os céus, obra dos teus dedos*» (cf. *Sal* 8,4), prossegue na sua contemplação, a ponto de conseguir ver os dedos de Deus, como os de um artista que vai deixando na criação astros, anjos, seres vivos que se movem no firmamento, na terra e nas águas. De todos estes seres, apenas o homem terá dedos que, unidos em suas mãos, trabalharão a terra, produzirão frutos, cumprimentarão os seus

semelhantes, acariciarão e abraçarão. No entanto, não podemos esquecer que, atualmente, os dedos humanos estão a produzir a mais terrível das "obras humanas": a guerra (cf. *Discurso na sede da UNESCO*, 25 de setembro de 2026).

A educação católica que promoveis é chamada a fazer com que a comunidade educativa descubra a importância do tato, das mãos e dos dedos para fomentar a paz. Se os nossos alunos sentirem o «abraço batismal que o Pai nos deu em pequeninos», ansiarão «pelo outro abraço, o do Pai misericordioso que nos espera na glória». Fazer com que as nossas crianças e jovens se sintam, «de certo modo, no meio destes dois abraços é a tarefa difícil, mas bela, de quem prega o Evangelho» (cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 144). Quem se sente abraçado pelo Pai é, inevitavelmente, um construtor da paz.

“Quem se sente abraçado pelo Pai é, inevitavelmente, um construtor da paz.

Nesta caminhada que estamos a fazer, o apóstolo Pedro orienta-nos para o sentido do paladar, dizendo: «*já saboreastes como o Senhor é bom*» (*1 Pe* 2, 3). Este sentido evoca o sabor, a sabedoria que advém da experiência, da reflexão, da degustação. Refiro-me à sabedoria que nos aproxima da bondade de Deus; àquela que nos torna irmãos; àquela que nos torna santos. Saborear não se limita a reconhecer sabores, classificar alimentos, agrupar comidas. Da mesma forma, não pode ser considerado sábio aquele que reúne informação sem discernir, refletir ou conhecer o contexto.

É urgente, portanto, que a nossa educação escolar e universitária contribua para «o uso sábio das tecnologias e da IA, colocando a pessoa antes do algoritmo e harmonizando as inteligências técnica, emotiva, social, espiritual e ecológica» (Carta ap. *Traçar novos mapas de esperança*, 10.3). Seja saboreado pelos nossos jovens e crianças «o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito» (*Rm* 12, 2).

Para considerar o olfato, podemos recorrer ao episódio da unção em Betânia relatado pelo evangelista João: «A casa encheu-se da fragrância do perfume» (*Jo* 12, 3). «O mundo encheu-se de boa fama, pois o bom odor é a boa fama», recorda-nos Santo Agostinho (*Comentário ao Evangelho de São João*, L, 7). A fama do homem de hoje sofreu inúmeros golpes, a ponto de o descarte, a rejeição e o menosprezo se terem tornado um cheiro nauseabundo, aceite pelo nosso olfato.

«O mundo encheu-se de boa fama, pois o bom odor é a boa fama», recorda-nos Santo Agostinho (Comentário ao Evangelho de São João, L, 7).

O processo de desumanização que estamos a viver constitui um desafio para as nossas instituições escolares e universitárias. «O paradoxo tornou-se cada vez mais evidente: enquanto a "inteligência" é atribuída aos sistemas computacionais, temos dificuldade em reconhecer a dignidade inalienável da pessoa humana, cuja vida é avaliada com base no critério da eficiência e, quando considerada já não produtiva, é rejeitada e descartada» (*Discurso na sede da UNESCO*, 25 de setembro de 2026).

É indispensável que defendamos o *bom odor* da pessoa humana, fundamentando-nos no *bom odor* do Messias. Precisamos de proclamar novamente que a vida humana é respeitada em todas as suas fases e estados. Ninguém pode ser rejeitado.

“É indispensável que defendamos o bom odor da pessoa humana, fundamentando-nos no bom odor do Messias.

Concluímos a nossa caminhada com o sentido da escuta, citando o evangelista Mateus, que diz: «Aquele que tiver ouvidos, ouça» (*Mt* 13, 9). Terminamos aqui

com a intenção de que tudo o que refletimos nesta instituição de ensino seja ouvido e, posteriormente, escutado nas vossas instituições educativas. Afinar o ouvido é importante no mundo de hoje. Discernir o que ouvimos faz toda a diferença. «Santo Agostinho, enxertando a sabedoria bíblica na tradição greco-romana, compreendeu que o mestre autêntico suscita o desejo da verdade, educa a liberdade a ler os sinais e a escutar a voz interior» (Carta ap. *Traçar novos mapas de esperança*, 2.2).

«Santo Agostinho, enxertando a sabedoria bíblica na tradição greco-romana, compreendeu que o mestre autêntico suscita o desejo da verdade, educa a liberdade a ler os sinais e a escutar a voz interior» (Carta ap. Traçar novos mapas de esperança, 2.2).

A nossa educação católica não pode estar confinada a um circuito fechado. Pelo contrário, deve habituar-se a escutar as famílias, a sociedade civil, as autoridades políticas e administrativas, bem como os representantes dos setores produtivos e das categorias profissionais. Hoje em dia, os nossos jovens e crianças "escutam" quando participam no voluntariado, na missão ou num projeto comunitário. Quem escuta vê o outro como um bem, não como

uma ameaça. Nas Sagradas Escrituras, escutar o Senhor foi visto como um ato de sabedoria, de prudência e de justiça (cf. *Pr* 1, 2-5; 2, 1-9). Estas três virtudes devem adornar os nossos projetos educativos, tendo em conta que as gerações mudam muito mais rapidamente do que antes e que, manter-se atualizado, sem abandonar a sã tradição, é um verdadeiro desafio.

> **“Quem escuta vê o outro como um bem, não como uma ameaça.**

Queridos irmãos e irmãs, peço-vos que continueis a caminhar, a evangelizar e a contemplar a pessoa na sua totalidade: «corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade» (Const. past. *Gaudium et*

spes, 3). Não nos é permitido parar. Continuemos a caminhar n'Aquele que se fez Caminho, Verdade e Vida. Agradeço mais uma vez o trabalho educativo que realizais e, colocando-o sob a proteção da Bem-Aventurada Virgem Maria, Sede da Sabedoria, concedo-vos de todo o coração a Bênção Apostólica.

SAUDAÇÃO IMPROVISADA DO SANTO PADRE

Muito obrigado. Boa tarde a todos e obrigado por estardes aqui. Quero dizer-vos que trago no coração um grande desejo: que o entusiasmo que hoje estais a experimentar vos acompanhe todos os dias e que possais ser a voz que o Uruguai precisa para descobrir verdadeiramente quanto é importante a fé em Deus, quanto é valiosa a vida humana e quanto valor tem a vida de cada um de vós.

Que continueis a viver com este entusiasmo, com esta alegria. A alegria anuncia-vos o grande Dom. Muito obrigado. Deus vos abençoe.

A CHAVE AGOSTINIANA

O Mestre interior

Santo Agostinho, O Mestre (*De magistro*)

Nesta obra, o bispo de Hipona explica que o mestre exterior ajuda com as palavras, mas a verdade descobre-se no interior da pessoa, onde Cristo é o Mestre interior. Por isso, para Agostinho, ensinar é acompanhar rumo à verdade, e o bom mestre deixa, como o perfume de Betânia, uma marca que permanece.

07

ESTÁDIO CENTENÁRIO · MONTEVIDÉU

DISCURSO

Anuncio-vos uma grande alegria!

Vigília de oração

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO

> **Deus escolheu Belém, e essa escolha é suficiente para que não identifiquemos pequenez com insignificância.**

Queridos irmãos e irmãs, querido Uruguai, boa noite! Muito obrigado!

Dou graças a Deus pela oportunidade de estar aqui convosco. Agradeço também ao Cardeal Sturla, Arcebispo de Montevidéu, pelas palavras de boas-vindas que me dirigiu, bem como à Federica, ao Giovanni e à família Gutiérrez Hernández pela franqueza com que partilharam os seus testemunhos. Sei que por trás do que se pode ver numa breve viagem há anos inteiros de fidelidade. Penso nas famílias que transmitiram a fé; nos sacerdotes e consagrados que doaram as suas vidas; nos leigos – muitos deles jovens – que sustentam as suas comunidades e em tantas pessoas que se colocam ao serviço dos outros por amor a Deus. Obrigado por levardes a presença de Jesus Cristo a tantas vidas. Ele escolheu-nos para que fôssemos e déssemos fruto (cf. *Jo* 15, 16), e talvez grande parte desse fruto permaneça

onde nós próprios nem sequer conseguimos ver. A Igreja agradece-vos profundamente.

Estar convosco nesta noite permite-me partilhar uma reflexão sobre algo que muitas comunidades cristãs experimentam hoje em dia: o avanço da secularização e de uma indiferença religiosa cada vez mais generalizada. Em muitos lugares, a fé deixou de ser transmitida naturalmente como nas gerações anteriores e cresce o número dos que passam grande parte da vida sem uma relação habitual com a Igreja ou com a prática religiosa. Os crentes que habitam no Uruguai tiveram de aprender a viver e a anunciar a sua fé neste contexto, como pudemos ouvir nesta noite. Por isso, o vosso testemunho pode ajudar irmãos e irmãs que noutras partes do mundo começam a descobrir, de diferentes maneiras, o que significa ser uma minoria. Porém, mesmo nestas circunstâncias, há

quem persevere: pais que rezam com os seus filhos, professores que procuram viver a fé e testemunhá-la, jovens que descobriram Cristo e desejam segui-lo mesmo quando se sentem sozinhos; há comunidades que continuam a reunir-se e sacerdotes que percorrem grandes distâncias para levar os Sacramentos aos fiéis. Ao pensar em tudo isto, recordei-me repetidamente duma pequena cidade bíblica: Belém.

O profeta Miqueias tinha-a chamado de «pequena entre as famílias de Judá» (5, 1); São Mateus, por sua vez, dirá: «De modo nenhum és a menor» (2, 6). Belém continuava a ser pequena. Nada tinha mudado no seu tamanho e importância política. Belém talvez nos possa ensinar algo sobre esta realidade: quando somos poucos, quando as forças diminuem ou quando constatamos que a nossa presença social já não é a mesma, existe o

risco de começarmos a julgar a nossa situação com critérios muito humanos. O Evangelho convida-nos a olhar a realidade de outra forma. Deus escolheu Belém, e essa escolha é suficiente para que não identifiquemos pequenez com insignificância.

Basta pensar na Eucaristia: o Senhor do universo presente sob as humildes aparências do pão e do vinho! Essa mesma lógica divina manifesta-se já no seu nascimento. São Lucas conta-nos que, chegada a hora do parto, não havia lugar para eles (cf. 2, 7). Estava tudo ocupado. Talvez possamos ver nesta frase uma imagem da indiferença atual. A vida enche-se de ocupações, afetos, projetos e distrações, até que a ausência de Deus deixa de ser entendida como privação. É possível chegar a viver sem o procurar e, mais ainda, sem nos apercebermos do quanto precisamos d'Ele.

Ainda assim, Cristo vem, mas a casa está cheia. Dentro não há lugar e Ele acaba por ser colocado numa manjedoura. Pouco depois, Herodes, incapaz de suportar um reinado que não controla, tentará eliminá-lo. Há algo em Belém que continua a repetir-se: Deus pode ser considerado desnecessário e a fé relegada à esfera privada, como se nada tivesse a contribuir para a vida em comum. Quando se pretende construir um mundo sem Deus, corre-se o risco de deixar também o homem sem lugar. Mas nada disso altera a realidade: aquele Menino é Deus e vem para *nos* salvar. E nesse "nos" estamos todos, porque a indiferença também pode entrar, pouco a pouco, na vida daqueles que creem.

Belém põe-nos diante de uma questão muito simples: há lugar para Ele? Lugar no nosso tempo, nas nossas lógicas, nos nossos lares; lugar para o ouvir, para

receber o seu perdão, para nos deixarmos corrigir pela sua Palavra. Precisamos de manter Cristo no centro da nossa vida através da oração, da Missa, da Confissão e da leitura meditada do Evangelho. Todos temos de voltar, uma e outra vez, a ser discípulos. Se queremos que os outros encontrem Cristo, é necessário conhecermos pessoalmente o caminho para Belém.



Belém põe-nos diante de uma questão muito simples: há lugar para Ele?

Alguns Reis Magos, que tinham visto um astro ao longe, também foram a Belém. Não eram especialistas nas Escrituras, não sabiam onde terminaria a sua viagem e nem sequer conseguiam explicar aquilo

que procuravam. Mas aquela luz despertou neles uma inquietação que os levou a pôr-se a caminho. Queridos amigos, vós, com humildade e simplicidade, podeis refletir a luz de Cristo nas vossas vidas. Talvez haja pessoas que nunca abrem uma Bíblia por iniciativa própria, que há anos não entram numa igreja ou nem sequer sabem dizer se acreditam em Deus. Mas, vendo-vos, pode despertar nelas o desejo e a busca de Deus; podem descobrir que vale a pena arriscar a vida.

Amigos, jovens, ousai dar esse passo, casando, formando uma família. Não tenhais medo do “para sempre”! Esposos, abri o vosso lar à vida, mesmo quando o mundo vos disser que um filho é um fardo. Se alguém perceber que Cristo o chama – vos chama! – a deixar tudo para O seguir no sacerdócio ou na vida consagrada, não ignore esta voz por medo de perder outras possibilidades. Quando ser justo e honrado

tiver um preço, pagai-o. Quando perdoar parecer uma derrota, perdoai. Quando todos vos disserem para pensardes primeiro em vós próprios, não tenhais medo de ser os últimos; sede capazes de dedicar tempo, dinheiro, conforto e projetos para servir aos outros. Que quem olhar para vós possa perguntar-se: "Porque é que vivem assim? De onde lhes vem esta liberdade? Porque é que se amam tanto?".

A estrela que os Reis Magos viram não era a meta final. A sua missão era conduzi-los até Belém, onde Cristo se encontra. Se a nossa vida suscitar perguntas, ela terá dado fruto quando essas perguntas levarem alguém a Jesus. Para muito iluminar, não é preciso sermos muitos, mas refletir a luz do Senhor.

Para muito iluminar, não é preciso sermos muitos, mas refletir a luz do Senhor.

São Lucas leva-nos agora a outra cena: uns pastores que passam a noite a cuidar dos seus rebanhos. Não seguiram a estrela, não empreenderam nenhuma viagem nem parecem estar à procura de nada. Estão simplesmente no meio da sua vida, a fazer o que costumavam todas as noites. E é precisamente aí que Deus vai ao seu encontro: «Não temais, pois *anuncio-vos uma grande alegria*, que o será para todo o povo» (*Lc* 2, 10). É neste anúncio que se inspira o lema da minha viagem entre vós: *Anuncio-vos uma grande alegria!*

Essas palavras devem ocupar sempre um lugar central na vida da Igreja. As boas notícias precisam de testemunhas. E nós recebemos uma que merece ser proclamada ao mundo: Jesus Cristo! O Filho de Deus fez-se homem! É Deus conosco!

Por causa d'Ele, sabemos que o pecado pode ser perdoado. Podemos acompanhar quem está a morrer e dizer-lhe que a sua vida não terminará no nada. Podemos oferecer pão e vinho no altar e receber o seu Corpo e Sangue. Podemos dizer aos que caíram: "Levanta-te, sempre podes recomeçar". Vede o que nos foi confiado! Jesus Cristo é a nossa esperança! A sociedade pode encontrar noutras instituições muitas coisas valiosas, mas nenhuma delas pode substituir o anúncio de que o amor de Deus é mais forte que a morte, o ódio, a violência, a guerra e o

pecado. Esta é a alegria que trazemos, esta é a alegria que o Papa vos vem recordar.



Podemos dizer aos que caíram: “Levanta-te, sempre podes recomeçar”.

Reparemos que o anjo acrescenta que tal alegria é destinada a “todo o povo”. Não diz “para aqueles que estavam à espera”, nem “para aqueles que são perfeitos”. Algumas pessoas, como os Reis Magos, já estão à procura e devemos acompanhá-las no seu caminho. Outras, pelo contrário, como os pastores de Belém, não estão à procura de nada. Para elas, essa alegria tem que ir ao seu encontro no meio da sua noite.

Os pastores, depois de ouvir o anúncio, disseram uns aos outros: «Vamos a Belém» (*Lc* 2, 15). Lá, encontraram Maria, José e o Menino. O evangelista acrescenta que regressaram aos seus campos «glorificando e louvando a Deus» (*Lc* 2, 20). Voltaram ao mesmo trabalho, aos mesmos caminhos, provavelmente aos mesmos problemas. Mas já não eram os mesmos. Tinham encontrado Cristo.

“
Mas já não eram os mesmos. Tinham encontrado Cristo.

Queridos amigos, que este nosso encontro seja para vós como Belém, para que possais regressar às vossas vidas de uma forma diferente! Que Cristo entre verdadeiramente naquilo que fazeis, que

amais, que escolheis e também naquilo que ninguém vê. Sede santos! Não vos contenteis com uma vida simplesmente correta, nem com uma fé de costume que se satisfaz com o indispensável. Não ofereçais a Deus apenas uma parte de vós, mas entregai-vos por inteiro! Ser santo significa ser homens e mulheres que transbordam a abundância de vida em Cristo, livres e autênticos; pessoas cuja vida torna desejável um “sim” convicto ao amor, à verdade e à felicidade. Não tenhais medo de aspirar a isso. Cristo não nos chamou à mediocridade, chamou-nos a uma vida nova e plena como a sua.



Cristo não nos chamou à mediocridade, chamou-nos a uma vida nova e plena como a sua.

Queridos irmãos e irmãs, querido Uruguai: que todos percebam que estivemos em Belém; que Cristo vive e que o encontro com Ele faz a diferença! O mesmo Jesus que nasceu em Belém, que morreu e ressuscitou, vive para sempre e permanece conosco. Cristo está presente verdadeiramente na Eucaristia e espera-nos. É muito bonito pensar que Belém significa precisamente “casa do pão”! Foi ali que nasceu quem se entregaria a nós como Pão da Vida. E hoje, em cada sacrário, podemos continuar a encontrar-nos com Ele, tão próximo e humilde. Procurai-o ali, na adoração eucarística. Falai-lhe como a um amigo e deixai-vos olhar por Ele.

Coloquemos também a nossa vida sob a proteção de Nossa Senhora dos Trinta e Três. Ela, a Estrela da Manhã que nos leva para junto do seu Filho, nos ensine a reconhecê-lo e a segui-lo. Peçamos ao

Senhor a graça de responder sempre ao seu chamamento como Ela fez: “Eis-me aqui, Senhor, eis o teu servo, a tua serva, faça-se em mim a tua vontade!”

Muito obrigado.

A CHAVE AGOSTINIANA

Um coração inquieto

> **Fizeste-nos para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em ti.**
>
> Santo Agostinho, Confissões, I, 1

A inquietação dos Magos, que o Papa evoca esta noite, é a mesma que Agostinho reconheceu no seu próprio coração: uma luz distante que nos põe a caminho em direção Àquele que já nos procurava.

08

JUANICÓ E FLORIDA

HOMILIA

A fé aprende-se em casa

Santa Missa no Santuário Nacional da Virgem dos Trinta e Três

---

DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO

> **Esse gesto lembra-nos que a história dos povos não se compreende plenamente quando se prescinde de Deus.**

AGRADECIMENTO NO FINAL DA SANTA MISSA

No final da Celebração Eucarística, e antes de me despedir deste querido país, desejo agradecer a todas as pessoas que tornaram possível minha visita: às Autoridades civis e religiosas, às equipas que organizaram cada evento e aos voluntários, às famílias e comunidades que se mobilizaram e colaboraram para que pudéssemos passar juntos este tempo, bem como às pessoas que nos acompanharam através dos meios de comunicação social. Embora o Uruguai seja um país relativamente pequeno, disseram-me que o seu povo tem um coração generoso e é capaz de fazer coisas muito grandes. Isto ficou evidente durante os últimos dias. Organizastes tudo muito bem. Do fundo do coração, muito obrigado!

Partilhámos com júbilo a alegria da fé em Cristo e somos testemunhas que esta felicidade foi aumentando a cada dia. O que vivemos em Montevidéu, em Paysandú e aqui, na Florida, irradia para o resto do país e do mundo. Assim funciona a matemática da fé: o que recebemos e oferecemos gratuitamente, com a graça de Deus, multiplica-se, abre horizontes e enriquece as nossas vidas, dando-lhes novo sentido. Queridos irmãos e irmãs do Uruguai, continuai a multiplicar a fé, a esperança e a caridade; continuai a viver e a anunciar a alegria que brota do encontro com Nosso Senhor Jesus Cristo e, como resultado, tereis uma vida plena e fecunda.

Por intercessão de Nossa Senhora dos Trinta e Três, peço a Deus que abençoe o povo uruguaio e o guie por caminhos de unidade e paz. Levo-vos no meu coração

e peço-vos que continueis a acompanhar-me com vossas orações. Muito obrigado, Uruguai!

HOMILIA DO SANTO PADRE

Queridos filhos e filhas desta terra uruguaia,

É com entusiasmo que, junto a Nossa Senhora dos Trinta e Três, me encontro hoje aqui convosco. Venho como peregrino para compartilhar a fé e o carinho com que este povo, ao longo de gerações, olhou para a Mãe de Deus. Aos que vieram de diferentes lugares, aos que há anos peregrinam até aqui e aos que hoje vêm pela primeira vez, abraço-os com carinho e confio-os à proteção de Maria.

A Palavra de Deus coloca hoje diante de nós duas mulheres que, vivendo em épocas muito diferentes, sobre elas ressoa

quase a mesma bênção. A Judite, após a libertação do seu povo, dizem: «Bendita sejas tu, filha, pelo Deus altíssimo, mais do que todas as mulheres sobre a terra» (*Jdt* 13, 18). Muitos séculos depois, Isabel recebe Maria na sua casa e exclama: «Bendita és tu entre as mulheres» (*Lc* 1, 42).

A tradição cristã notou muito cedo esta relação. Em Judite, viu uma mulher que, num momento difícil para o seu povo, não se deixou dominar pelo medo. Rezando e jejuando, tomou uma decisão que a levou a arriscar a própria vida (cf. *Jdt* 8-10). Quando a vitória se verificou, Judite não a atribuiu a si própria. Sabia bem quem tinha salvado Israel e dizia: «Entoai um cântico ao meu Deus com tamborins, cantai ao meu Senhor com címbalos» (*Jdt* 16, 1). Por isso, as palavras com que o seu povo a acolhe são tão significativas: «Tu és a glorificação de Jerusalém, a grande satisfação de Israel; tu és o grande orgulho do nosso

povo» (*Jdt* 15, 9). Em Judite, o povo celebrava o que Deus tinha feito em seu favor.

Hoje, diante da Padroeira deste país, ouvir estas palavras tem um impacto especial. Esta pequena imagem está ligada a uma hora decisiva da história do Uruguai. Em 1825, aqueles que lutavam pela liberdade desta terra também recorreram a Maria, para colocar sob a sua proteção aqueles inícios. Esse gesto lembra-nos que a história dos povos não se compreende plenamente quando se prescinde de Deus. Assim, a partir de um dos momentos fundadores da pátria, o Uruguai ficou intimamente ligado a uma Mãe. Desde então, passaram várias gerações, as circunstâncias mudaram e até a relação de muitos uruguaios com a fé se alterou. Ela permaneceu aqui. Enquanto Maria acompanhava a história deste povo, em

muitas casas foram outras mulheres que conservaram a fé e a transmitiram aos seus filhos.

Penso nas mães que nos lábios dos seus filhos puseram as primeiras orações, os levaram ao batismo, os prepararam para receber os sacramentos e lhes ensinaram a viver a caridade cristã. Penso nas avós que em casa mantiveram um altar, rezaram por vivos e defuntos, e tornaram Deus presente nas coisas mais simples da vida. Já nos primórdios da Igreja encontramos algo semelhante: a fé de Timóteo, por trás, tinha os nomes de duas mulheres. O Apóstolo recorda com carinho a sua avó Loide e a sua mãe Eunice, nas quais estava presente, desde o início, aquela «fé sem fingimento» que Paulo também reconhecia nele (cf. *2 Tm* 1, 5). A Escritura pouco nos diz sobre essas duas mulheres. No entanto, sabemos que daquela fé

aprendida em casa se alimentou quem viria a ser um estreito colaborador de São Paulo (cf. *Act* 16, 1-3).

Também esta terra tem gravados, na sua história de fé, nomes de mulheres. Entre elas está Santa Maria Francisca Rubatto, que quis permanecer entre vós e servir aqui os mais necessitados. Estão igualmente as beatas mártires Dolores e Consuelo Aguiar-Mella, duas irmãs nascidas em Montevidéu. São vidas muito diferentes, mas nas três encontramos uma fidelidade levada ao extremo.

Porém, a maior parte desta história não ficou escrita nos livros. Foi sendo silenciosamente transmitida de geração em geração, no seio das famílias. Quando alguém se questiona sobre a origem da fé que traz dentro de si, muitas vezes surge o nome de uma mulher em particular: uma mãe, uma avó, uma madrinha, uma

religiosa, uma catequista. Talvez não nos lembremos de todas as palavras que nos disseram, mas lembramo-nos do modo como rezavam, como falavam do Senhor, e da convicção com que viviam aquilo que nos ensinavam.

> **“Porém, a maior parte desta história não ficou escrita nos livros. Foi sendo silenciosamente transmitida de geração em geração, no seio das famílias.**

A todas essas mulheres, gostaria hoje de dizer obrigado. Obrigado por terdes acreditado e mantido aberto, em tantas famílias, um caminho para Deus. Algumas

conseguiram fazê-lo apoiadas numa tradição familiar que vinha de longe; outras tiveram de sustentar essa fé com um esforço maior, talvez nem sempre tendo compreensão ou apoio dentro da própria casa. Sei que muitas carregam uma dor bastante concreta. Ensinaram os seus filhos a rezar, mas hoje esses filhos já não rezam. Iam juntos à missa, mas eles há anos não entram numa igreja. Falaram aos seus netos sobre Deus, mas já não sabem se aquelas palavras deixaram alguma marca. Por vezes perguntam-se se fizeram algo de errado ou se tudo aquilo acabou por se perder. Gostaria, pois, de recordar Santa Mónica. Ela conhecia bem esta dor. Rezou durante anos por um filho que parecia cada vez mais afastado de Deus, mas não deixou de confiar na graça. Por isso, não considereis como perdido o que

semeastes. O próprio Senhor nos ensinou que a semente pode crescer sem que o semeador saiba como (cf. *Mc* 4, 27).



Gostaria, pois, de recordar Santa Mónica. Ela conhecia bem esta dor. Rezou durante anos por um filho que parecia cada vez mais afastado de Deus, mas não deixou de confiar na graça. Por isso, não considereis como perdido o que semeastes.

Queridas mães e avós: não vos canseis de transmitir a fé! Pregai com a vossa vida e também com a vossa palavra. Insisti na oração, no amor e na esperança: insisti oportuna e inoportunamente (cf. *2 Tm* 4, 2). Fazei-o com paciência, sem aspereza nem

desânimo. Mesmo que os vossos pareçam afastados de Deus, continuai a colocá-los diante d'Ele. Não deixeis de abençoar, de acompanhar, de lhes recordar com simplicidade aquilo que um dia recebestes. Há portas que vós não podeis abrir, mas Deus pode.

“
Há portas que vós não podeis abrir, mas Deus pode.

Gostaria também de me dirigir aos homens, aos pais e aos avós. Os vossos filhos e netos precisam de ver que a fé ocupa um lugar verdadeiro na vida dos homens da família. Imitai o exemplo de São José, que assumiu a tarefa de educar Jesus, levando-o ao templo, ensinando-o a trabalhar com honestidade e mostrando-

lhe que Deus deve ocupar o primeiro lugar na vida de cada pessoa. Queridos pais e avós, os jovens precisam de vos ver a rezar, a procurar os Sacramentos, a tratar as vossas esposas com respeito, a pedir perdão e a viver com honra, mesmo quando isso requer sacrifícios. Um filho aprende muito ao ver que o seu pai é capaz de se ajoelhar diante de Deus sem se sentir menos homem por causa disso.

A Escritura pede ao povo que as palavras recebidas de Deus permaneçam no coração e que as ensine aos seus filhos, falando delas «tanto sentado em tua casa, como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar» (*Dt* 6, 7). Deus tinha lugar nas conversas, nas decisões e na vida quotidiana do lar. Assim, os filhos aprendiam que a fé recebida dos pais era também aquilo pelo qual os pais viviam. Os bispos, os sacerdotes e as pessoas consagradas são chamados a apoiar as

famílias nesta tarefa, exercendo com generosidade a sua paternidade e maternidade espirituais, acompanhando aqueles que vacilam e ajudando muitos a reencontrar o caminho de Deus.

Transmitir a fé significa levar os outros a Cristo, Àquele que nós mesmos recebemos. Maria mostra-nos precisamente como fazê-lo. No Evangelho, Isabel recebe-a exclamando: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (*Lc* 1, 42). Maria não guarda para si este louvor. Isabel proclama-a bendita e ela responde cantando as grandezas do Senhor (cf. *Lc* 1, 46-55). Em Caná, quando recorrem a ela, remete para o seu Filho: «Fazei o que Ele vos disser!» (*Jo* 2, 5).

Na segunda leitura, São Paulo formula explicitamente uma verdade que toda a vida de Maria proclama: «Há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os

homens: Cristo Jesus» (cf. *1 Tm* 2, 5). Toda a grandeza de Maria nasce da sua relação com Cristo: ela acolhe-O, vive d'Ele e conduz até Ele. Esse encontro com o Mestre é a meta de toda a evangelização e de toda a autêntica devoção mariana. O Filho de Deus entregou-se por todos; ninguém pode ficar de fora da oração da Igreja. Por isso, São Paulo pede-nos que rezemos «pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade» (*1 Tm* 2, 2), e por cada pessoa, porque Deus «quer que todos os homens sejam salvos» (*1 Tm* 2, 4).



Toda a grandeza de Maria nasce da sua relação com Cristo: ela acolhe-O, vive d'Ele e conduz até Ele.

Nesta festa da Padroeira do Uruguai, apresentemos ao Senhor todo este povo. Rezemos por aqueles que têm a responsabilidade de o governar, para que procurem com retidão o bem comum; pelas famílias, pelos jovens, por quem sofre, por quem se sente longe de Deus e por quem precisa de voltar para Ele e mudar de vida.

São Lucas mostra-nos como começa essa missão. Depois de conceber o Filho de Deus, Maria «pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha» (1, 39). Não espera que Isabel vá buscá-la: vai ao seu encontro e entra na sua casa levando consigo o Senhor. Lá, o menino salta de alegria e Isabel fica cheia do Espírito Santo (cf. *Lc* 1, 41-44). Este movimento de Maria também nos indica o caminho a seguir. Não podemos ficar sempre à espera que quem se afastou volte pelo próprio pé. Uruguai, é preciso pôr-se a caminho! É

preciso voltar a entrar nas casas, aproximar-se das pessoas, ouvir as suas perguntas e conduzi-las a Cristo! Cada um saberá em direção a quem deve dar esse passo: talvez um filho, um amigo, um vizinho, alguém que deixou de acreditar há muito tempo ou que nunca teve por perto uma pessoa que lhe falasse de Deus.

> **“Uruguai, é preciso pôr-se a caminho! É preciso voltar a entrar nas casas, aproximar-se das pessoas, ouvir as suas perguntas e conduzi-las a Cristo!**

Que a Rainha do Céu ampare aqueles que continuam a semear a fé e nos ensine a reconhecer Cristo nos pobres, nos doentes e em quem está só, levando-O aonde ainda não é conhecido.

Em breve, colocarei diante desta imagem a *Rosa de Ouro*. Com este gesto, desejo honrar aquela que é verdadeiramente «o grande orgulho do nosso povo» (*Jdt* 15, 9) e mostrar o cumprimento das palavras que ela própria proferiu: «me chamarão bem-aventurada todas as gerações» (*Lc* 1, 48).

A Maria, Comandante e Guia deste povo, quero consagrar novamente esta nação, confiar à sua proteção esta terra e todos os que nela vivem, e suplicar a Deus que, pela sua poderosa intercessão, destrua as obras do demónio e preserve o amado Uruguai de tudo o que quer afastá-lo de Cristo. Que esta *Rosa de Ouro*, oferecida como sinal de veneração e de amor filial,

lembre também aos seus filhos que são chamados a imitá-la: a amar Cristo como Ela o amou, a levá-Lo aos outros como Ela o levou. Assim seja!

SAUDAÇÃO IMPROVISADA NA PARÓQUIA DE SANTA TERESINHA, EM JUANICÓ

Bom dia e feliz domingo! Não o sabeis, mas na verdade estou muito contente por este breve momento na paróquia de Santa Teresinha: a primeira paróquia [a ela] dedicada no Uruguai, depois da canonização. Na minha família – especialmente o meu pai – tínhamos uma grande devoção a Santa Teresinha. Por isso, poder passar por aqui neste dia de festa – sabeis que estamos a caminho de Florida para celebrar a festa de Nossa Senhora dos Trinta e Três – é um momento de devoção, de gratidão, um momento para reconhecer que a graça de Deus, o amor de Deus, está sempre conosco; e

que Deus nos acompanha permanentemente, tanto nos momentos felizes como quando sofremos, talvez por doença, dores e tantas dificuldades.

Vamos pedir a bênção do Senhor sobre cada um de vós e sobre as vossas famílias. A quem trouxe terços e objetos religiosos: também agora os abençoamos. Peçamos ao Senhor que nos ajude a todos a crescer na fé, a viver a nossa fé com coragem, a não ter medo de dizer: «Sou cristão, sou católico, acredito em Jesus Cristo». Jesus deu-nos a vida e ensina-nos a vivê-la assim: servindo os outros, caminhando unidos, buscando a presença de Deus e partilhando com todos a alegria de ser cristãos.

Peçamos ao Senhor que nos ajude a todos a crescer na fé, a viver a nossa fé com coragem, a não ter medo de dizer: «Sou cristão, sou católico, acredito em Jesus Cristo».

O Senhor esteja convosco. [...]

Bendito seja o nome do Senhor. [...]

O nosso auxílio vem do nome do Senhor. [...]

A bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós.

Felicidades! bom dia de domingo!

A CHAVE AGOSTINIANA

O filho de tantas lágrimas

> **Vai em paz; é impossível que se perca o filho de tantas lágrimas.**
>
> Um bispo a Santa Mónica, em Confissões, III, 12, 21

Mónica, a mãe de Agostinho, aparece na homilia como consolo para tantas mães e avós que rezam por quem se afastou. Assim lhe falou um bispo, na sua angústia: a oração perseverante não se perde, mesmo que não vejamos o fruto.



Um livro para ler no telemóvel, a qualquer hora.

VISITE O NOSSO SITE

agustinosconelpapa.com/pt

Copyright © Dicastério para a Comunicação